

*Michael J. Sandel*

# **A tirania do mérito**

**O que aconteceu  
com o bem comum?**

Tradução de  
Bhuvi Libanio

1ª edição



Rio de Janeiro  
2020

Copyright © 2020 by Michael Sandel

Título em inglês: *The tyranny of merit: what's become of the common good?*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

Sandel, Michael

S198t A tirania do mérito [recurso eletrônico]: o que aconteceu com o bem comum? / Michael J. Sandel; tradução Bhuvi Libanio. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.  
recurso digital

Tradução de: *The tyranny of merit: what's become of the common good?*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5802-002-8 (recurso eletrônico)

1. Polarização (Ciências sociais). 2. Populismo – Estados Unidos. 3. Mérito (Ética) – Aspectos sociais – Estados Unidos. 4. Interesse público – Estados Unidos. 5. Mobilidade social – Estados Unidos. 6. Globalização – Aspectos políticos – Estados Unidos. 7. Estados Unidos – Condições sociais. 8. Livros eletrônicos. I. Libanio, Bhuvi. II. Título.

20-66597

CDD: 305.50973

CDU: 316.344(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

---



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Reservam-se os direitos desta tradução à  
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA  
Um selo da EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.

Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.:  
(21) 2585-2000.

Seja um leitor preferencial Record.  
Cadastre-se em [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba informações sobre  
nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)

Produzido no Brasil  
2020

*Para Kiku, com amor*

# Sumário

PRÓLOGO

INTRODUÇÃO: INGRESSAR

CAPÍTULO 1

Ganhadores e perdedores

CAPÍTULO 2

“Grandioso porque é bom”: uma breve história moral do mérito

CAPÍTULO 3

A retórica da ascensão

CAPÍTULO 4

Credencialismo: o último preconceito aceitável

CAPÍTULO 5

Ética do sucesso

CAPÍTULO 6

A máquina de triagem

CAPÍTULO 7

O reconhecimento do trabalho

CONCLUSÃO: O MÉRITO E O BEM COMUM

AGRADECIMENTOS

ÍNDICE

## Prólogo

Quando a pandemia do Coronavírus foi decretada em 2020, os Estados Unidos, assim como vários outros países, estavam despreparados. Apesar de especialistas da saúde pública no ano anterior terem advertido sobre os riscos de contágio global pelo vírus, e até mesmo enquanto a China lutava contra o surto em janeiro, os Estados Unidos não tiveram capacidade de fazer a testagem em larga escala que poderia ter contido a doença. Quando o contágio se espalhou, o país mais rico do mundo se viu incapaz de proporcionar até mesmo as máscaras médicas e os demais equipamentos de proteção que profissionais de saúde precisavam para tratarem da multidão de pacientes infectados. Hospitais e governos de cada Estado tentaram em vão adquirir um número suficiente dos respiradores que salvam vidas.

Essa falta de preparo teve múltiplas origens. O presidente Donald Trump, ignorando os avisos de consultores da saúde pública, minimizou a crise por várias semanas cruciais, insistindo, no fim de fevereiro, “Nós já controlamos isso muito bem [...]. Fizemos um trabalho incrível [...]. Vai desaparecer.”<sup>1</sup> O Centro de Controle e

Prevenção de Doenças (CDC) a princípio distribuiu kits de teste defeituosos e demorou para encontrar uma solução para isso. E décadas de terceirização deixaram os Estados Unidos quase completamente dependentes da China e de outros fabricantes estrangeiros de máscaras cirúrgicas e equipamentos médicos.<sup>2</sup>

No entanto, além da falta de preparo logístico, o país não estava moralmente preparado para a pandemia. Os anos que antecederam a crise foram um tempo de profunda divisão – econômica, cultural, política. Décadas de desigualdade crescente e indignação cultural tiveram uma repercussão populista furiosa em 2016, o que resultou na eleição de Trump, que pouco tempo depois de ter sofrido impeachment mas não ter sido retirado do cargo, viu-se presidindo durante a crise mais grave vista pelo país desde os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. A divisão partidária persistia, enquanto a crise se desenrolava. Poucos republicanos (apenas 29%) confiavam nos veículos de comunicação para obter informação segura sobre o Coronavírus; poucos democratas (apenas 19%) confiavam na informação fornecida por Trump.<sup>3</sup>

Em meio a rancor e desconfiança partidários, veio uma praga que demandava um tipo de solidariedade que poucas sociedades conseguem evocar, a não ser em tempos de guerra. Implorou-se a pessoas por todo o mundo, e em muitos casos exigiu-se delas, que praticassem distanciamento social, abandonassem o trabalho e ficassem em casa. Aqueles impossibilitados de trabalhar



remotamente encararam perda salarial e o desaparecimento do emprego. O vírus apresentou maior ameaça àqueles com idade avançada, mas também podia derrubar jovens, e até mesmo aqueles que conseguiram passar pela doença tinham pai e mãe e avós com quem se preocupar.

Quanto à moral, a pandemia nos lembrou de nossa vulnerabilidade, de nossa dependência mútua: “Estamos todos juntos nisso.” Servidores públicos e profissionais de marketing instintivamente lançaram mão desse slogan. Mas a solidariedade que ele evocava era de medo, um medo de contágio que demandava “distanciamento social”. A saúde pública exigia que expressássemos nossa solidariedade, nossa vulnerabilidade compartilhada, mantendo distância, atentos às restrições de autoisolamento.

A coincidência entre solidariedade e separação fez sentido no contexto da pandemia. A não ser pelos heroicos profissionais de saúde e socorristas, cuja ajuda aos afetados exigia presença física, além dos caixas de supermercados e dos entregadores que colocaram em risco a própria vida levando alimento e suprimentos àqueles abrigados em casa, à maioria de nós foi dito que a melhor maneira de proteger os demais era manter distância deles.

Entretanto, o paradoxo moral da solidariedade por meio da separação chamou atenção para certo vazio na afirmação de que “Estamos todos juntos nisso”. Ela não descreveu um senso de comunidade imbuído na prática

vigente de obrigação mútua e sacrifício compartilhado. Ao contrário, entrou em cena em um momento de desigualdade quase sem precedentes e de rancor partidário. O mesmo projeto de globalização orientado pelo mercado que deixara os Estados Unidos sem acesso à produção nacional de máscaras cirúrgicas e de medicamentos privara uma grande quantidade de trabalhadores de empregos com bons salários e de estima social.

Enquanto isso, aqueles que colheram a recompensa econômica dos mercados globais, da gestão de cadeias logísticas e do fluxo de capital passaram a contar cada vez menos com os companheiros cidadãos como produtores ou consumidores. Suas perspectivas econômicas e sua identidade já não dependiam de comunidades locais ou nacionais. À medida que os vitoriosos da globalização se afastavam dos derrotados, eles praticavam seu próprio tipo de distanciamento social.

A divisão política que importava, os vencedores explicaram, não era mais esquerda *versus* direita, mas aberto *versus* fechado. Em um mundo aberto, sucesso depende de educação, de se equipar para competir e vencer em uma economia global. Isso significa que governos nacionais devem assegurar a todo mundo oportunidades iguais de receber a educação da qual depende o sucesso. Mas isso também significa que aqueles que chegam ao topo passam a acreditar que merecem o sucesso. Ademais, se oportunidades são verdadeiramente iguais, significa que

aqueles deixados para trás também são merecedores do seu destino.

Essa maneira de pensar sobre sucesso torna difícil acreditar que “Estamos todos juntos nisso”. Ela persuade os vencedores a considerarem que o sucesso deles é resultado de suas ações e os derrotados a sentirem que aqueles no topo olham para baixo com desdém. Isso ajuda a explicar por que os deixados para trás pela globalização ficam irritados e ressentidos, e por que se sentem atraídos por populistas autoritários que atacam as elites e prometem reafirmar as fronteiras nacionais com vingança.

Agora, são essas figuras políticas, apesar de desconfiarem da experiência científica e da cooperação global, que deverão conter a pandemia. Não será fácil. Mobilizar para confrontar a crise global de saúde pública que encaramos exige não só habilidades médicas e científicas, mas também renovação moral e política.

A mistura tóxica de arrogância com ressentimento que arremessou Trump ao poder não é uma fonte possível da solidariedade que necessitamos agora. Qualquer esperança de renovarmos nossa vida moral e cívica depende de entender como, ao longo das últimas quatro décadas, nossos laços sociais e nosso respeito um pelo outro se desmantelaram. Este livro procura explicar como isso aconteceu e refletir sobre como poderemos encontrar o caminho para uma política do bem comum.

*abril, 2020*  
*Brookline, Massachusetts*

## Notas

1. Fala do presidente Trump antes da decolagem do helicóptero presidencial *Marine One*, em 23 de fevereiro de 2020. <[whitehouse.gov/briefings-statements/remarks-president-trump-marine-one-departure-83/](https://www.whitehouse.gov/briefings-statements/remarks-president-trump-marine-one-departure-83/)>. Fala do presidente Trump em uma reunião com líderes afro-estadunidenses, em 27 de fevereiro, 2020. <[whitehouse.gov/briefings-statements/remarks-president-trump-meeting-african-american-leaders/](https://www.whitehouse.gov/briefings-statements/remarks-president-trump-meeting-african-american-leaders/)>.

2. Farhad Manjoo, “How the World’s Richest Country Ran Out of Face Masks” [Como o país mais rico do mundo ficou sem máscaras cirúrgicas], *The New York Times*, 25 de março, 2020. <[nytimes.com/2020/03/25/opinion/coronavirus-face-mask.html](https://www.nytimes.com/2020/03/25/opinion/coronavirus-face-mask.html)>.

3. Kaiser Family Foundation (KFF) Coronavirus Poll [Pesquisa da Fundação da Família Kaiser (KFF) sobre o Coronavírus], tabela 6, março 2020. <[kff.org/global-health-policy/poll-finding/kff-coronavirus-poll-march-2020/](https://www.kff.org/global-health-policy/poll-finding/kff-coronavirus-poll-march-2020/)>.

[Introdução](#) [Ingressar](#)

Em março de 2019, enquanto estudantes do ensino médio aguardavam o resultado da inscrição para entrada na universidade, promotores de justiça fizeram uma declaração assustadora. Acusaram 33 pais e mães ricos de envolvimento em um elaborado esquema de fraude para que seus filhos e filhas fossem aceitos em universidades de elite, como Yale, Stanford, Georgetown e a Universidade do Sul da Califórnia.<sup>1</sup>

No centro de todo o esquema estava um inescrupuloso consultor educacional chamado William Singer, que administrava um negócio para atender a pais e mães abastados e ansiosos. A empresa de Singer se especializou em manipular o sistema intensamente competitivo de ingresso a universidades, que há algumas décadas havia se tornado a principal porta de entrada para prosperidade e prestígio. Para estudantes que não tinham as brilhantes credenciais exigidas pelas melhores universidades, Singer oferecia soluções alternativas corruptas – pagava inspetores dos exames de seleção, como SAT e ACT,\* para aumentar a nota dos estudantes, corrigindo o gabarito, e subornava treinadores para que indicassem candidatos como atletas recrutados, ainda que os estudantes não

praticassem o esporte em questão. Ele até mesmo fornecia credenciais para falsos atletas, usando o *Photoshop* para colocar o rosto de candidatos em fotografias de atletas reais em movimento.

O serviço ilícito de admissão oferecido por Singer não era barato. Um prestigioso presidente de uma empresa de advocacia pagou US\$ 75 mil para sua filha fazer exame de ingresso à universidade em um centro supervisionado por um inspetor pago por Singer, para garantir que a estudante obtivesse a nota de que precisava. Certa família pagou a Singer US\$ 1,2 milhão para que a filha fosse admitida em Yale como jogadora de futebol recrutada, apesar de ela não jogar futebol. Singer usou US\$ 400 mil do pagamento para subornar o prestativo treinador de futebol de Yale, que também foi indiciado. Uma atriz de televisão e seu marido, designer de moda, pagaram a Singer US\$ 500 mil para que as duas filhas do casal fossem aceitas na USC [Universidade do Sul da Califórnia] como falsas recrutas do time de remo. Outra celebridade, a atriz Felicity Huffman, conhecida por seu papel na série de televisão *Desperate Housewives*, de alguma maneira conseguiu um preço promocional; por apenas US\$ 15 mil, Singer deu um jeitinho no SAT da filha dela.<sup>2</sup>

Ao todo, Singer recebeu US\$ 25 milhões ao longo de oito anos administrando seu esquema de ingresso em universidades.

O escândalo provocou indignação universal. Em tempos de polarização, quando estadunidenses raramente



conseguiam concordar em qualquer coisa, isso resultou em cobertura e condenação massiva no espectro político, nos canais de televisão Fox News e MSNBC, nos jornais *The Wall Street Journal* e *The New York Times*. Todo mundo concordou que subornar e trapacear para ser admitido em uma faculdade de elite era repreensível. Mas a indignação expressava algo ainda mais profundo do que raiva de pais privilegiados que usavam métodos ilícitos para ajudar filhos e filhas a entrarem em universidades de prestígio. Por motivos que as pessoas verbalizavam com dificuldade, foi um escândalo emblemático, tal que levantou questões maiores sobre quem sai na frente e por quê.

Inevitavelmente, as expressões de indignação foram articuladas de forma política. Representantes do presidente Trump foram ao Twitter e à Fox News para provocar os liberais de Hollywood enredados no esquema. “Observem quem são essas pessoas”, Lara Trump, nora do presidente, disse no canal Fox. “As elites de Hollywood, as elites liberais que sempre falaram em igualdade para todo mundo e que todas as pessoas deveriam ter chances iguais; pois aqui está a maior hipocrisia de todas: estão preenchendo cheques para trapacear e colocar filhos e filhas nessas escolas – quando as vagas deveriam realmente ter sido preenchidas por jovens que de fato as mereciam.”<sup>3</sup>

Quanto aos liberais, estes concordaram que o esquema privava jovens qualificados de estar onde mereciam. Mas viram o escândalo como um evidente instante de uma injustiça ainda maior: o papel da riqueza e do privilégio no

ingresso em uma universidade, mesmo quando não havia ilegalidade envolvida. Ao anunciar o indiciamento, o promotor de justiça declarou o que considerou ser a principal questão em jogo: “Não pode haver nenhum sistema de ingresso à universidade separado para os ricos.”<sup>4</sup> No entanto, colunistas e críticos foram rápidos em chamar atenção ao fato de que, como rotina, dinheiro atua no sistema de admissão, mais explicitamente na atenção especial que universidades estadunidenses concedem a filhos e filhas dos generosos ex-alunos doadores.

Em resposta às tentativas dos apoiadores de Trump de culpar as elites liberais pelo escândalo no ingresso à universidade, liberais citaram relatos publicados sobre Jared Kushner, genro do presidente, ter ingressado em Harvard apesar de seu fraco histórico escolar, depois que seu pai, um rico incorporador de imóveis, doou US\$ 2,5 milhões à universidade. O próprio Trump supostamente doou US\$ 1,5 milhão para a Escola de Finança Wharton, da Universidade da Pensilvânia, na mesma época em que seu filho, Donald Jr., e sua filha, Ivanka, frequentaram aquela faculdade.<sup>5</sup>

## A ÉTICA DA ADMISSÃO

Singer, o mentor do esquema de ingresso em universidades, reconheceu que uma doação grande algumas vezes coloca candidatos de qualificações medíocres para dentro, pela

“porta dos fundos”. Mas ele apresentou a própria técnica, que apelidou de “porta lateral”, como uma alternativa de bom custo-benefício. Disse aos clientes que as abordagens padrão do tipo “porta dos fundos” eram “dez vezes mais caras” do que seus esquemas de trapaça, e menos eficazes. Uma grande doação para a faculdade não oferecia garantia de ingresso, enquanto sua “porta lateral” de propinas e notas falsas, sim. “Minhas famílias querem uma garantia”, ele explicou.<sup>6</sup>

Apesar de dinheiro comprar acesso tanto ao ingresso pela “porta dos fundos” quanto pela “porta lateral”, essas maneiras de entrar não são moralmente idênticas. Primeiro porque a porta dos fundos é legal e a lateral não é. O promotor de justiça dos EUA explicou isso: “Não estamos falando de doar um prédio para que seja mais provável determinada escola aceitar seu filho ou filha. Estamos falando em enganação e fraude, notas falsas em exames, credenciais falsas para atletas, fotografias falsas, profissionais universitários subornados.”<sup>7</sup>

Ao processar Singer, seus clientes e os treinadores que aceitaram propina, a justiça federal não estava dizendo às universidades que elas não podiam vender vagas em salas de aula para calouros; estavam simplesmente quebrando um esquema fraudulento. Legalidade à parte, a porta dos fundos e a porta lateral são diferentes neste aspecto: quando pais e mães compram a vaga do filho ou filha por meio de uma grande doação, o dinheiro vai para a faculdade, que pode utilizá-lo para melhorar a educação

oferecida a todos os estudantes. Com o esquema de Singer, o dinheiro vai para terceiros, portanto, faz pouco ou nada em prol da própria universidade. (Pelo menos, um dos treinadores que Singer subornou, o treinador do time de vela em Stanford, aparentemente utilizou a propina para financiar o programa de vela. Outros embolsaram o dinheiro.)

Do ponto de vista de justiça, no entanto, é difícil distinguir entre a “porta dos fundos” e a “porta lateral”. Ambas oferecem vantagem a filhos e filhas de pai e mãe ricos que ingressam no lugar de candidatos mais qualificados. Ambas permitem que o dinheiro supere o mérito.

O ingresso com base no mérito define a entrada pela “porta da frente”. Conforme afirmou Singer, a porta da frente “significa que você entra por conta própria”. Essa forma de ingressar é a que a maioria das pessoas considera justa; candidatos deveriam ser admitidos com base no próprio mérito, não no dinheiro do pai e/ou da mãe.

Na prática, obviamente, não é tão simples assim. Dinheiro paira sobre a porta da frente, assim como sobre a dos fundos. É difícil dissociar a medida do mérito de vantagens econômicas. Os exames padronizados, como o SAT, supostamente medem somente o mérito, de maneira que estudantes vindos de contextos modestos possam demonstrar promessa intelectual. Na prática, entretanto, a nota do SAT vem no rastro da renda familiar. Quanto

mais rica for a família de um ou uma estudante, mais alta provavelmente será a nota dele ou dela.<sup>8</sup>

Pais e mães ricos matriculam filhos e filhas em cursos preparatórios para o SAT, contratam consultores educacionais particulares para incrementar suas candidaturas e os inscrevem em aulas de dança e música, em treinamentos para esportes de elite, tais como esgrima, squash, golfe, tênis, remo, lacrosse e vela – o que for melhor para que sejam qualificados para o recrutamento em times universitários –, além de os mandarem a lugares distantes para que executem boas ações que aparentem preocupação com os oprimidos. Esses estão entre os meios caros pelos quais pais e mães abastados e ambiciosos preparam sua progênie para competir por uma vaga.

E então vem a mensalidade. Em quase todo o punhado de faculdades ricas o suficiente para aceitar estudantes sem considerar a capacidade de pagar, as pessoas que não precisam de ajuda financeira têm mais probabilidade de entrar do que seus colegas carentes.<sup>9</sup>

Com tudo isso, não é surpreendente que mais de dois terços dos estudantes em faculdades da Ivy League\*\* venham dos 20% no topo da escala de renda. Em Princeton e em Yale, há mais estudantes no 1% do topo do que entre os 60% da base do país.<sup>10</sup> Essa impressionante desigualdade no acesso é devido, em parte, ao ingresso por legado e à valorização de um doador (a porta dos fundos), mas também a vantagens que propõem filhos e filhas de famílias ricas porta da frente adentro.

Críticos indicam essa desigualdade como prova de que a educação superior não é a meritocracia que afirma ser. Desse ponto de vista, o escândalo do ingresso em universidades é uma situação específica dentro da mais ampla e difusa injustiça que impede a educação superior de se adequar aos princípios meritocráticos que ela professa.

Apesar de suas divergências, aqueles que consideram o escândalo da trapaça um chocante desvio das práticas padrão e aqueles que consideram isso um exemplo extremo de tendências já predominantes no sistema de ingresso em universidades compartilham uma mesma premissa: a admissão de estudantes em universidades deveria ser baseado em suas próprias habilidades e talentos, não em fatores dos quais não têm controle. Em outras palavras, eles concordam que a entrada deveria ser condicionada ao mérito. Eles também concordam, pelo menos é o que está implícito, que aqueles que ingressam por mérito se esforçaram para ser aceitos, portanto, merecem os benefícios que resultam disso.

Se essa visão familiar estiver correta, então o problema da meritocracia não está em seus princípios, mas sim em não conseguirmos segui-los. Discussões políticas entre conservadores e liberais reforçam isso. Nossos debates políticos não são sobre meritocracia, propriamente dita, mas sobre como alcançá-la. Por exemplo, conservadores argumentam que políticas de ações afirmativas que consideram raça e etnia fatores para ingresso correspondem à traição do sistema baseado em mérito;

liberais defendem ações afirmativas como forma de remediar injustiças persistentes e afirmam que uma verdadeira meritocracia pode ser alcançada somente quando se acabar com as desigualdades existentes entre pessoas privilegiadas e pessoas em desvantagens.

Mas esse debate ignora a possibilidade de o problema com a meritocracia ser mais profundo.

Pense novamente no escândalo do ingresso em universidades. A indignação, em sua maioria, teve foco na trapaça e na sua injustiça. Igualmente incômodos, no entanto, foram os comportamentos que alimentaram a trapaça. O que estava por trás do escândalo era o pressuposto, atualmente tão familiar que raramente é notado, de que uma vaga em universidade de elite é recompensa amplamente procurada. O escândalo chamou atenção não somente por implicar celebridades e magnatas do *private equity*, o investimento de capital privado, mas também pelo fato de o acesso que tentaram comprar ser tão amplamente desejado e objeto de ambição febril.

E por que isso? Por que ingressar em uma universidade de prestígio tornou-se algo procurado com tanta ferocidade, a ponto de pais e mães privilegiados cometerem fraude para colocar filhos e filhas dentro? Ou, fora a fraude, gastar dezenas de milhares de dólares em consultores educacionais particulares e cursos preparatórios para aumentar as chances de filhos e filhas, transformando os anos de ensino médio em uma série estressante de aulas pré-vestibulares, de elaboração de

currículo e de um esforço carregado de pressão? Por que o ingresso em universidades de elite passou a ser uma ameaça tão grande em nossa sociedade, a ponto de o FBI dedicar tanto recurso legal para desvendar o esquema e de as notícias sobre o escândalo serem manchete e chamarem atenção do público por meses, do indiciamento à condenação dos criminosos?

A obsessão por ingressar na universidade tem sua origem na crescente desigualdade de décadas recentes. Reflete o fato de que há muito em jogo em relação a quem entra onde. À medida que os 10% mais ricos se afastaram do restante, o preço a se pagar para ingressar em uma universidade de prestígio aumentou. Há cinquenta anos, era menos pesado se inscrever em uma universidade. Menos de um em cada cinco estadunidenses frequentaram um curso universitário com quatro anos de duração, e aqueles que o fizeram em geral se matricularam em um lugar próximo de casa. O ranking das universidades importava menos do que hoje.<sup>11</sup>

Mas, à medida que a desigualdade e a distância entre rendas aumentavam entre pessoas com e pessoas sem formação universitária, a universidade passou a ter mais importância. Assim como a escolha da universidade. Hoje, estudantes, em geral, buscam as universidades mais seletivas que os aceitarão.<sup>12</sup> O estilo de educação em casa também mudou, sobretudo, dentro das classes profissionais. Enquanto a distância entre rendas aumenta, o medo de cair também cresce. Em busca de evitar esse



perigo, pais e mães ficaram intensamente envolvidos na vida de filhos e filhas – gerenciando o tempo, monitorando notas, orientando as atividades e sendo curadores de qualificações para a universidade.<sup>13</sup>

Essa epidemia de parentalidade ditatorial e superprotetora não veio do nada. É uma resposta ansiosa, mas compreensível, à desigualdade crescente e ao desejo de pais e mães abastados de poupar a progênie da precariedade da vida de classe média. Um diploma de universidade de renome passou a ser visto como o principal veículo da mobilidade ascendente, para pessoas que procuram subir, e a mais confiável defesa contra a mobilidade descendente, para as pessoas que esperam permanecer abrigadas na confortável classe. Essa é a mentalidade que levou apavorados pais e mães privilegiados a entrar no fraudulento esquema do ingresso em universidades.

Mas ansiedade econômica não é a história completa. Além de uma barreira contra a mobilidade descendente, os clientes de Singer compravam algo mais, algo menos tangível, no entanto, mais valioso. Ao assegurar uma vaga em universidade prestigiosa para filhos e filhas, compravam o brilho emprestado do mérito.

## LEILÃO DO MÉRITO

Em uma sociedade desigual, aqueles que alcançam o topo querem acreditar que seu sucesso tem justificativa moral. Em uma sociedade de meritocracia, isso significa que os vencedores devem acreditar que conquistaram o sucesso através do próprio talento e empenho.

Paradoxalmente, essa é a dádiva que pais e mães trapaceiros queriam oferecer a filhos e filhas. Se tudo o que realmente importava para eles fosse possibilitar à prole viver em abundância, poderiam ter dado a ela fundos fiduciários. Mas eles procuravam algo mais – o sinal distintivo meritocrático que o ingresso às faculdades de elite confere.

Singer entendeu isso quando explicou que a porta da frente significava “você entra por conta própria”. Seu esquema de fraude era a segunda melhor coisa. Obviamente, ser aceito a partir de um SAT fraudado ou de credenciais atléticas falsificadas não é fazer a coisa por conta própria. É por isso que a maioria dos pais e das mães escondeu da prole sua maquinação. Entrar para a faculdade pela porta lateral carrega a mesma honra meritocrática da entrada pela porta da frente somente se o modo ilícito de entrada for dissimulado. Ninguém tem orgulho em anunciar: “Entrei para Stanford porque meu pai e minha mãe subornaram o treinador do time de vela.”

O contraste entre a entrada com base no mérito parece óbvio. Quem entrou com credenciais brilhantes, legítimas se orgulha da conquista e considera que o fez por conta própria. Mas isso, de certa forma, é ilusório. Ainda que

seja verdade o fato de a entrada refletir dedicação e empenho, não se pode dizer que foi somente resultado da própria ação. E o que dizer sobre pai, mãe e professores que ajudaram ao longo do caminho? E os talentos e dons não inteiramente resultantes das ações deles? E a sorte de viver em uma sociedade que cultiva e recompensa os talentos que eles por acaso têm?

As pessoas que, por meio de um pouco de esforço e talento, prevalecem em uma meritocracia ficam endividadas de uma forma que a competição ofusca. À medida que a meritocracia se intensifica, o esforço nos absorve tanto que o fato de estarmos endividados sai de vista. Dessa maneira, até mesmo uma meritocracia justa, uma em que não haja trapaça, ou suborno, ou privilégios especiais para os ricos, induz a uma impressão equivocada: de que chegamos lá por conta própria. Os anos de árduo esforço exigidos de candidatos a universidades de elite praticamente os obriga a acreditar que o sucesso deles é resultado das próprias ações, e, se fracassarem, não terão a quem culpar, a não ser a si mesmos.

Esse é um fardo pesado para pessoas jovens carregarem. Além disso, corrói sensibilidades cívicas. Porque quanto mais pensarmos em nós como pessoas que vencem pelo próprio esforço e são autossuficientes, mais difícil será aprender a ter gratidão e humildade. E sem esses sentimentos é difícil se importar com o bem comum.